

# HEITOR GOMES TEIXEIRA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

*Hoje é Dia dos Namorados. Que nos perdoe São Valentim por não fazermos depender inteiramente dele a celebração do amor. Mas serve de pretexto para uma viagem à literatura portuguesa, tão fortemente marcada pelo amor ou por muitos amores, porém, sem tradição significativa na produção do que é vulgar classificar-se de «literatura cor-de-rosa». Companheiro dessa viagem é o professor universitário Heitor Gomes Teixeira*

Quem é este homem de amor, Heitor Gomes Teixeira, professor universitário, licenciado em Direito e Letras, que viveu numa família de três irmãos e uma irmã, lendo os livros uns dos outros?

«Passaram pelas nossas mãos, quando jovens, muitos livros de Max du Veuzit, de Madame Delly, de Concha Linares Becerra, de Maria Luiza Lináz, de Luisa Alcott. Uma literatura de amor que em nada nos prejudicou».

Quem é este homem de falas serenas e cultas, de olhar desperto e longo, que opta por solidões?

«Já fui um homem talvez excessivamente acompanhado, que procurava o convívio como se mais não houvesse do que o «tempo da festa», como diria Pavese. Depois, filtrei os prazeres, que podem ser de coisas pequenas. Privei-me, sem pena, de muita coisa. E a solidão, tal como a entendo — sentir

que o Outro existe — torna-me mais inteiro, mais pleno».

A amizade, para Heitor Gomes Teixeira, «é também, em si mesma, amor; há casos de realização total em que a pessoa se transforma em objeto de amor por amizade».

Há neste homem de cultura um pensar tranquilo. Inteligente. Sonha mas não perde o sentido da realidade. Reflete. A paixão pela literatura tem outra ao lado: a devoção pelo teatro. Autor, encenador, ator. Doze anos de entrega. Encantos e desencantos. Depois, o abandono. E um conflito não de todo resolvido. Diremos que nunca será tarde para regressar, tal como nunca é tarde para amar.

Pedimos-lhe um verso para este dia de amor. Cita dois, de João Camilo: *O corpo é espaço demasiado para conhecer / mas espaço demasiado para estar só.*

Heitor Gomes Teixeira, um dos mais conceituados especialistas de literatura portuguesa, não mete no mesmo saco a chamada literatura cor-de-rosa e a literatura de amor.

O consumo da *literatura rosa* em Portugal, apesar do seu «peso numérico», alimenta-se, sobretudo, de material importado (Corin Tellado, Barbara Cartland — e destas autoras há quem duvide se uma ou outra obra poderá apelidar-se linearmente de *rosa* —, a par de *folhetins de balão*, de *corações de quiosque*). É este o entendimento de muitos estudiosos. E diga-se, para todos os efeitos, que a procura do *rosa* não é só vício feminino, nem se fica por camadas menos cultas. A fazer-se uma análise sociológica deste «terreno», as surpresas talvez fizessem rebentar os olhos de espanto e muitas caras enrubesceriam da vergonha que trazem encapotada.

Assim o diz Heitor Gomes Teixeira. Fala-nos da vocação para o amor ao longo de toda a história da nossa literatura, datada por narrativas de grande carga dramática, que não ousa meter «no saco da literatura de cordel, porque seria insensato».

Há equívocos que devem ser desfeitos — sublinha. «A tradição do que poderá chamar-se de *literatura de salão*, e, nomeadamente, a *literatura freirática*, é uma literatura de amor que merece respeito pela beleza da própria narrativa, pelos diálogos, quantos deles precursores do confronto de gerações e de comportamentos. Recorda os *Serões da Beira*, de Sara Beirão, Os

*Companheiros*, de Ester de Lemos. Traz à memória trabalhos de Augusto de Castro, de Júlio Dantas, de Oliveira Guimarães, de Júlio Dinis, e a novelística de Bemardim Ribeiro. Valem para a destriça entre *os folhetins de balão rosa* e uma *literatura de amor*. Vai mais longe, como homem que dedicou uma dúzia de anos à cena teatral, e interroga: «Quantas dessas obras, se despojadas de uma certa retórica, não dariam belíssimas peças de teatro?»

Recordamos-lhe um dos livros mais vendidos em Portugal: *Rosa do Adro*, de Manuel Maria Rodrigues. Corações a sofrer até às lágrimas... «Sim, e há muitos outros, mas a sua vertente altamente dramática, tenha ou não um desfecho feliz, jamais poderá fazer-nos cair na tentação de os rotularmos de *menoridade*, goste-se ou não do género. É o caso, também, de *Odete* de Saint-Maurice, que ficava revoltada — e com razão — ao colarem-lhe o epíteto de *cor-de-rosa* num sentido depreciativo».

E as *Cartas Portuguesas*, atribuídas a Mariana Alcoforado, deverão inscrever-se na “literatura freirática”?

Heitor Gomes Teixeira prefere continuar a acreditar que a autoria dessas cartas seja de Sórora Mariana, «mas há teses que a refutam; a primeira foi de Luciano Cordeiro, a última é do professor Gonçalves Rodrigues e tem sido aceite pacificamente». Fundamentos? Não seria uma freira capaz de tamanha paixão? «Julgo que sim, mas na época havia um investimento na novelística da Península Ibérica que poderia ter levado à invenção das *Cartas* de Mariana Alcoforado. A tradição da mulher autora era significativa nos séculos XVII e XVIII. Há outro belo exemplo: a autobiografia de Antónia Margarida Castelo-Branco, um manuscrito editado por João Palma-Ferreira. Nada comparável, todavia, à *literatura de cordel*, regra geral sem autor».

Gomes Teixeira recorda o padre Manuel Antunes — um inesquecível professor da Faculdade de Letras de Lisboa, advogando uma teoria tão simples e lúcida como esta: *A cultura é o salto do cómodo para o incómodo*. Nessa perspetiva, a literatura cor-de-rosa poderá permitir esse salto? «Talvez, porque tudo é dinâmico. A literatura é um espaço de investimento. Um sustentáculo inferior pode gerar uma opção superior. Prà frente. Só assim se aprenderá a escolher». A relatividade das coisas prende-se a tudo. Literaturas ontem tidas como *complicadas* terão hoje ou amanhã outra tipologia... «Estou acordo. A história

de Robison (de Daniel Defoe) já pertenceu ao domínio filosófico e agora é oferecida como literatura juvenil», comenta Heitor Gomes Teixeira.

Se calhar, até Voltaire poderia... «Por que não? Aceito que uma criança possa hoje ler o *Cândido*, de Voltaire, e achar-lhe piada».

Vêm à conversa as «literaturas marginais». Marginais em que sentido? «Na medida em que não eram acolhidas pela instituição académica. Eu já dei literaturas marginais. Estou a lembrar-me de *Papillon*, de Henri Charrière, um condenado. E os alunos interessaram-se bastante, pela necessidade de procurar e partilhar o autêntico».

É uma nova ordem? «É um tempo novo. Não é por acaso que a juventude gosta de dançar e de música, por mais alucinantes que sejam os ritmos. Há outra consciência do corpo. Já não é uma gente desgostosa. É gente que gosta de si mesma e está disponível para amar. E sabe amar o Outro pela beleza interior, pela comunicação».

Entre os clássicos escritores portugueses também houve uma *escrita de choque*... «Certamente. Nas grandes literaturas sempre coexistiram histórias de grandes cortesãs. Leia-se o *Primo Basílio*, de Eça ou mesmo Camilo, na pseudo-inocência do *Amor de Perdição*. Escapa-nos já a força desse choque, mas ao tempo foi, com certeza, um escândalo e advinha-se o prazer que teria sido essa leitura, com grande empatia entre o autor e o público».

As coordenadas do amor escaparão aos escritores contemporâneos? «Não, as técnicas narrativas é que são diferenciadas. A história algo sórdida da *Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires, é um exemplo, com uma técnica de contar que se torna revolucionária na literatura portuguesa contemporânea. Mas quem, a meu ver, trouxe a grande revolução à nossa literatura depois do 25 de Abril foi Diniz Machado, com *O Que Diz Molero*. Esgotou-se num livro, mas apontou caminhos. Preencheu-nos».

Voltando ao amor, «anote-se David Mourão-Ferreira, que venceu o prémio da APE logo com o seu primeiro romance, precisamente *Um Amor Feliz*. Ainda Agustina Bessa-Luís e *Os Meninos de Ouro*. E não podemos esquecer-nos de Fernando Botelho e dos seus romances estruturalistas. Temos, sem dúvida, uma forte vocação para o amor. Faz parte da nossa natureza. A minha estima pela literatura portuguesa tem muito que ver com o amor de que está

impregnada, mesmo quando o amor fracassa».

Há outras literaturas de amor... «Sim, a inglesa, talvez não tão expressiva; a francesa, mais rebuscada; a italiana, com histórias lindíssimas de Pavese e de Moravia; a brasileira; a espanhola, mais filosofante, com muito brilho. E lembremos Mauriac, pelo pensamento existencialista».

Os existencialistas sabiam que o amor e a morte são as forças dominantes dos conflitos do Homem. Como puderam salvar-se da tendência para a morte quando o amor fracassava? «Tinham a noção da própria responsabilidade, do limite da liberdade. Viver é absurdo, mas, como aquilo que eu faço não é por mim, antes para o oferecer ao Outro, cada gesto que proponho é para o Outro, aí começa a minha liberdade. Creio que o existencialismo foi a filosofia que melhor entendeu a liberdade do Homem».

Sartre dizia que existencialismo é humanismo... «E não era por acaso. Liberdade total, mas responsabilidade total. Difícil é conciliar estas coordenadas».

Dos romances existencialistas portugueses, Heitor Gomes Teixeira destaca *Aparição*, de Vergílio Ferreira. «Estou a nomear sem compromisso».

Pedimos-lhe uma sugestão de leitura para este dia da celebração do amor. «Tantas no horizonte. Gosto muito de Urbano Tavares Rodrigues. Mas permito-me indicar um autor, infelizmente tão pouco conhecido: Garibaldi de Andrade; em particular, *O Homem e o Sardão*, um amor mal sucedido, mas uma boa lição, porque é perturbador. Quanto sei, a Gulbenkian e a Câmara de Ponte de Sor (ali nasceu) estão a prever a reedição das suas obras. Chegou a ser considerado um neo-realista, erradamente».

Alguma coisa contra os neo-realistas, professor?

«Temos grandes escritores neo-realistas: Namora, Carlos de Oliveira, Alves Redol, e, de certa maneira, Ferreira de Castro, um precursor dessa corrente literária. Foram grandes contadores de histórias que viveram a ilusão de transformar a sociedade analfabeta através da literatura. Um equívoco, pois não conseguiriam uma literatura de massas como era o seu projeto inicial».

Mas é inquestionável: a literatura portuguesa é das mais fortes literaturas de amor. Que medida tem a poesia neste contexto? «Notável, pelo menos entre a poesia ocidental. Uma lírica de Camões espantosa. Um Sá de Miranda, com

sonetos admiráveis».

E António Botto? «Um marginal para a época, porque incómodo. Mas um grande poeta do amor. Quem, como ele, teria a coragem de — mesmo com o dandismo já vivido de Oscar Wilde — apresentar-se nos anos trinta com um cartão: António Botto, pederasta oficial?

E Florbela Espanca?

«Amar, amar perdidamente. Sempre mais. Ao ponto de só o suicídio a realizar ou libertar. Uma panteísta, distribuindo o amor por tudo, chegando a confundir Deus com Natureza».

E Bocage?

«Uma das minhas grandes paixões poéticas. Era um tímido. Um revoltado. De certo modo, o drama de Bocage superou o de Camões. Bocage partiu para a Índia (tal como Camões), mas a noiva que deixara em Setúbal casou-se com o irmão. Foi o desfalque (que já sentira com a morte da mãe) e uma sensação de luto que o levaram a uma espécie de autopunição. Camões viveu um amor sublime. Também o de Bocage o teria sido, mas foi traído».

E Fernando Pessoa?

«Um talento. Mas o Pessoa de quem mais gosto, pela forma como nos ensina a vida, é Alberto Caeiro».

Heitor Gomes Teixeira sublinha, ainda, o encanto da descoberta da palavra na poesia contemporânea. Uma poesia mais elaborada, mais objetiva? «Poderá sê-lo, mas por amor à palavra».